

**A MULHER EM QUADRA:  
EVIDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DO CONTATO INICIAL COM FUTSAL**

Jaqueline Elizabeth da Costa<sup>1</sup>, Nyanne Dias<sup>2</sup>, Elson Aparecido de Oliveira<sup>2</sup>  
Layla Maria Campos Aburachid<sup>2</sup>, José Tarcísio Grunennvaldt<sup>2</sup>

**RESUMO**

O artigo trata a partir de um estudo concreto, a ocorrência de boas possibilidades da presença da mulher na ambiência esportiva do futsal, o que a experiência evidencia é a mudança de mentalidade de que existem esportes para homens e outros para mulheres, quiçá isso seja a mudança de paradigma. Com efeito, as mulheres se envolvem cada vez mais com as práticas corporais, antes restritas ao universo masculino, além de se destacarem nos resultados. O esporte feminino, tendo como foco o futsal, tem pouca visibilidade na mídia e entre espectadores e telespectadores. Logo, como as garotas são "fisgadas" para se interessarem pela prática do futsal? Este estudo objetivou evidenciar o início da relação das mulheres com o jogar (modalidade futsal). O texto é uma síntese resultante de um estudo de caso, a amostra foi composta pelo profissional responsável pelo ensino esportivo do futsal e seu grupo de 12 alunas, com idade entre 15 a 17 anos. Os dados foram apreendidos a partir de questões demográficas; entrevista com um roteiro dinâmico de perguntas direcionadas às alunas e ao treinador e observação de campo. Os dados foram analisados e discutidos em categorias temáticas e através delas foi possível concluir que a iniciação esportiva feminina normalmente se dá em espaços informais e evolui para o ensino formal tardiamente, sua vivência na modalidade é estimulada por familiares e amigos e a participação dessas meninas em competições se dá em um momento oportuno.

**Palavras-chave:** Futsal. Mulher no esporte. Iniciação ao esporte.

1-Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Várzea Grande-MT, Brasil.

2-Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá-MT, Brasil.

**ABSTRACT**

The woman in court: contemporary evidence of initial contact with futsal

The article tries from a concrete study, the occurrence of good possibilities of the presence of the woman in the sporting ambience of the futsal, what the experience evidence is the mentality change that there are sports for men and others for women, perhaps this is the paradigm change. In fact, women are increasingly involved in bodily practices, once restricted to the masculine universe, in addition to being highlighted in the results. Women's sport, focusing on futsal, has little visibility in the media and between spectators and viewers. So how are girls "hooked" to get interested in futsal? This study aimed to highlight the beginning of the relationship between women and playing (futsal mode). The text is a synthesis resulting from a case study, the sample was composed by the professional responsible for the sports education of futsal and its group of 12 students, aged between 15 and 17 years. Data were seized from demographic issues; interview with a dynamic script of questions directed to the students and to the trainer and field observation. The data were analyzed and discussed in thematic categories and through them it was possible to conclude that female sportive initiation usually takes place in informal spaces and evolves into formal education late, their experience in the modality is stimulated by family and friends and the participation of these girls in competitions takes place at an opportune moment.

**Key words:** Futsal. Woman in sport. Initiation to the sport.

E-mail dos autores:

jackcosta\_@hotmail.com

nyanne\_araujo@hotmail.com

elson12oliveira@gmail.com

lagusmar@ig.com.br

jotagrun@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Concomitante as evoluções modernas, viu-se a entrada e a participação da mulher no esporte, onde podemos observar as primeiras esportistas brasileiras em cena entre 1920 e 1930.

Tavares e Portela (1998, p.481) destacam a proliferação de eventos desportivos em São Paulo que marcaram a abertura da consolidação das mulheres no esporte. E, se referiu aos Jogos Femininos do Estado de São Paulo realizados em 1935, que reuniram 150 mulheres em atividades poliesportivas, evidenciando a ampliação do campo esportivo feminino no Brasil.

Na passagem da primeira para a segunda metade XX a participação feminina foi se expandindo. Nessa época, o Brasil passava por transformações, como o desenvolvimento industrial, manifestações da classe operária, surgimento dos movimentos sociais, entre outros fatos.

Goldemberg (2002) elenca que a combinação de todos esses fenômenos funda a ideia de um novo momento da história da beleza feminina e seu fortalecimento.

No decurso do século XX, viu-se a primeira participação de uma mulher brasileira em Olimpíadas no ano de 1932, em Los Angeles, quando a nadadora Maria Lenk embarcou com a delegação brasileira. Maria Lenk não foi apenas a primeira brasileira a participar de uma Olimpíada, aos 17 anos a filha de imigrantes alemães, também foi a primeira sul-americana a participar dos Jogos Olímpicos (Goellner, 2006; Votre e Mourão, 2001).

A inserção da mulher em outros esportes continuou ocorrendo ainda após 1950. Além da natação e as lutas que antes era uma possibilidade apenas aos homens, as mulheres conquistaram aos poucos sua presença nas modalidades esportivas coletivas. Com o passar do tempo o desempenho feminino elevou-se, e em decorrência sua participação em campeonatos nacionais e internos foram cada vez mais frequentes (Cunha e colaboradores, 1999).

Com a marcante presença da mulher no mundo esportivo o panorama onde se pressupunha a máxima da existência de esportes mais propensos para homens e outros para mulheres, se tornou um paradigma em rompimento. Com efeito, as mulheres se

envolvem cada vez mais com as práticas corporais, antes restritas ao universo masculino, além de se destacarem com resultados cada vez mais satisfatórios.

Lovisol (2010) aponta algumas modalidades hoje praticadas por mulheres que não eram permitidas no passado, tendo como exemplo o atletismo (salto com vara, arremesso de peso, lançamento do martelo, corridas de longa distância como os 10 mil metros; a maratona; a marcha atlética; a corrida com obstáculos); o judô; o futebol e o futsal.

Contudo, várias modalidades permanecem impermeáveis à prática feminina, tais como: o beisebol, o futebol americano, na ginástica artística os aparelhos de argolas, cavalo com alças e barras paralelas, mas até quando?

As evidências da inserção da mulher no mundo esportivo trazem consigo a necessidade de busca por pesquisas mais profundas e que deem ouvidos às protagonistas dessa história. A gana por revelar mais sobre as relações da mulher com o esporte em específico com o futsal fez com que, neste texto, se buscasse entender como se dá o processo da relação da mulher com o jogo coletivo de futsal em seu aspecto informal, formal e competitivo.

## Gênese e contexto

Sabemos que ao longo da história, a mulher foi conquistando seus direitos e, dentre eles, o de poder jogar futsal/futebol.

Moura (2003) relata que o futebol feminino surgiu, segundo a FIFA, em 1880 e que a primeira partida foi realizada entre North London e South London, no ano de 1895.

Nesta mesma década chegaria ao Brasil o futebol provindo da interação dos filhos da elite brasileira que normalmente estudavam na Inglaterra e tiveram por lá o contato com o jogo recém-criado, trazendo o esporte para nossa pátria (Toledo, 2000).

Décadas depois, o futsal seria constituído e praticado, configurando-se em uma prática exclusivamente masculina. No Brasil, no ano de 1979 foi anulada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos (CND) que proibia a prática de modalidades coletivas pelas mulheres. Decorrente desse movimento novas perspectivas despontaram para o futebol

feminino, mas só em meados da década de 1980 o CND concedeu o direito à prática de diversas modalidades esportivas pelas mulheres, incluindo o futebol (Castellani, 1991; Goellner, 2005).

Originário do futebol, o futsal ganhou singularidade com o passar dos anos e, atualmente as seleções femininas de futebol e futsal do Brasil são potências mundiais. Contudo, apesar dos bons resultados, as mulheres têm pouca visibilidade e dificuldades para se manter jogando. A profissionalização é algo restrito a poucos clubes, e o respaldo financeiro por diversas vezes não é o suficiente para que essas jogadoras sobrevivam apenas do salário de atleta, tornando este um fator que dificulta a propagação da prática feminina.

Tendo em vista a anúnciação e evidências da ocorrência de quebra de paradigma de superação das práticas segregacionistas podemos verificar mudanças como a formatação de um calendário para o futebol e futsal feminino. A Confederação Brasileira de Futsal foi efetivada em 1979 e, em tempos hodiernos, transformações ocorreram, elevando esta modalidade esportiva para além de um reflexo do futebol de campo.

A atual maneira de jogar a modalidade traz consigo uma maior dinâmica dos atletas diferenciando e caracterizando a modalidade cada vez mais singular. Sua facilidade de adesão surge por fatores importantes, como sua prática nas aulas de educação física escolar e o fato de poder ser praticado por qualquer ciclo de ensino (Estigarribia, 2005; Santana, 2002; Souza, 2003).

Atualmente, o principal campeonato no futsal feminino é a Taça Brasil, a qual é subdividida em categorias sub15, sub17, sub 20 e adulto e nas divisões que são denominadas de divisão especial, primeira divisão e segunda divisão, nas quais as equipes passam pela etapa estadual e vão à disputa do campeonato na divisão à qual seu Estado está ranqueado. Além dessa competição no calendário de eventos existem os jogos Brasileiros de Seleções e a Liga Nacional (CBFS, 2015).

O esporte feminino, mais especificamente o futsal, tem pouca visibilidade na mídia e entre espectadores e telespectadores. Logo, como as garotas são "fiscadas" para se interessarem pela prática

do futsal? Qual é o meio de propagação e onde se dá o contato dessas meninas com o esporte? A exaltação do rendimento tem sido direcionada na prática esportiva feminina? Caso sim, as demais dimensões do esporte são tolhidas? Estes são alguns questionamentos que ainda pairam e nos levam às reflexões importantes sobre este paradoxal contexto.

Com efeito, evidenciar a iniciação esportiva que se caracteriza pela primeira vivência prática específica das meninas na modalidade, visando à aprendizagem de suas habilidades e gestos de maneira orientada objetivando desenvolver as mais diversas valências físicas, aspectos cognitivos e sociais (Galatti, 2006; Santana, 2005; Vidal, 2006), é o foco questionador desta pesquisa.

A partir do contexto evidenciado até aqui, o texto se justifica, pois, possibilita uma leitura mais aprofundada da iniciação do jogar bola/futsal para o gênero feminino, revelando como de fato se desenvolvem os primeiros contatos das mulheres com o futsal em sua prática informal, formal e competitiva.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O texto foi decorrente de um estudo de caso, definido como uma pesquisa empírica que investigou um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto.

Explorou seu campo de estudo, coletando detalhadamente informações com diversos procedimentos de coletas de dados em um tempo definido, com o intuito de conhecer como e o porquê de uma determinada situação (Creswell, 1994; Fonseca, 2002; Yin, 2005).

### Amostra

O estudo realizou-se no Instituto Várzea-grandense de Ensino (IVE), localizado na cidade de Várzea Grande, Estado de Mato Grosso. A escolha da instituição seguiu os critérios de inclusão: constar a presença da modalidade futsal nos projetos de extensão que a escola dispõe e trabalhar o ensino da modalidade futsal para o gênero feminino na faixa etária entre 15 e 17 anos.

A amostra foi composta por 12 adolescentes do sexo feminino com idade entre 15 e 17 anos e pelo treinador responsável pelo ensino da modalidade, o

critério utilizado para a adoção da faixa etária foi a quantidade de meninas que escolheram a modalidade nos projetos de extensão.

Trata-se de uma amostra não probabilística por conveniência, que segundo Mattar (1996) é aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende, ao menos em parte, do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo.

### **Instrumento de coleta**

Optou-se por uma tríade de instrumentos de coletas de dados para atender ao rigor metodológico, a fim de buscar a fidedignidade dos resultados obtidos pelos dados (Stake, 1995).

A triangulação de dados, segundo Jensen e Jankowski (1993) tratam das diferentes dimensões de tempo, espaço e nível analítico, e a partir desses o pesquisador busca as informações necessárias para sua pesquisa.

Assim, realizou-se questões demográficas, para um melhor conhecimento dos sujeitos da pesquisa; observação de campo, para verificar como se dava o ensino da modalidade e, seguindo um roteiro estruturado uma entrevista com um roteiro dinâmico de perguntas direcionadas de maneira específica ao treinador e as alunas.

### **Procedimentos**

A aplicação das questões demográficas e entrevista foram realizadas individualmente, na sala de esportes da escola, sem a presença de demais pessoas para evitar constrangimentos ou inibições nas respostas.

As questões demográficas foram respondidas à caneta em uma folha que constavam as perguntas seguindo uma ordem já determinada.

Após a leitura das respostas iniciou-se a entrevista, que seguia um roteiro semiestruturado ao qual a pesquisadora se aproveitava das respostas das questões demográficas para buscar o maior número de informações das entrevistadas, o roteiro partia de questionamentos sobre como surgiu o interesse pela modalidade, até chegar ao processo competitivo.

O mesmo procedimento realizado com as atletas foi adotado para o treinador, porém com questões específicas direcionadas a ele.

### **Análise dos dados**

Com a conclusão da coleta das questões demográficas, entrevistas e observações, realizou-se a transcrição de todos dados obtidos. As transcrições se deram pelo programa digital de computador Microsoft Word, respeitando fielmente a fala de cada entrevistado, sem alterações gramaticais que mudassem o sentido da fala dos entrevistados, sendo modificados apenas alguns erros percebidos na sonoridade.

O procedimento utilizado foi a análise de conteúdo, que para Bardin (2009) é um método que torna um conjunto de técnicas de análise das comunicações. a) *A pré-análise*, fase das primeiras aproximações aos dados com o objetivo de organizá-los.

Realizou-se leituras flutuantes e elegeu-se os documentos que constituíram o corpus dos documentos levados em conta para os procedimentos analíticos; b) *A exploração do material*, etapa longa que se constituiu essencialmente de operações de codificação e enumeração, em função do pretendido no estudo; c) *Tratamento dos resultados obtidos e interpretação*, onde os resultados foram tratados de modo a possibilitarem inferências e adiantarem interpretações a propósito dos objetivos estabelecidos.

As respostas foram apreendidas/organizadas em unidades de registro, dentre estas privilegiou-se o tema, tendo em vista este ser: "Uma informação acerca de um assunto, quer dizer, uma frase, ou uma frase composta, habitualmente um resumo ou uma frase condensada, por influência da qual pode ser afetado um vasto conjunto de formulações singulares" (Berelson, citado por Bardin, 2009, p.105).

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Objetivou-se entender o início da relação com o futsal por parte das mulheres, buscando uma compreensão ampla sobre os primeiros contatos com o jogar. Para isso levantamos informações a partir dos seguintes questionamentos: o que as levou a jogar? Quem as influenciou? Com qual idade tiveram

o contato com a modalidade? Quando iniciaram o treinamento e se participam de competições?

### **Influências e contatos iniciais com o jogo**

Das falas tomadas as quais entende-se como unidades de registro viu-se consensualidade nos aspectos de influências da prática e contatos iniciais. Destacam-se, portanto, relatos que apontam e compreendem, em contexto geral, a indagação inicial das entrevistadas: “Comecei a jogar na rua mesmo com 7 anos com meus primos e meus amigos, jogávamos racha, mas era meio ruim porque só tinha eu de menina, aí o povo da rua ficava falando.” (E4, 2015). “É eu sempre gostei de jogar bola né, aí quando eu era menor no condomínio onde eu moro tem uma quadra, aí eu sempre ia lá com meus irmãos e os amigos dele jogar bola, quando eu comecei a bater rachinha assim eu tinha uns oito anos, nove anos” (E5, 2015). “Eu ia na igreja lá perto de casa, aí via todo mundo jogar e comecei jogar, com meus irmãos primos. Gostei de jogar por isso e também tive o incentivo do meu tio que era jogador também. Comecei na rua, nos campinhos, sempre “racha”, eu tinha uns 10” (E3, 2015).

Quanto ao tema influências da prática e contatos iniciais, percebe-se que o primeiro contato das entrevistadas com os jogos de bola nos pés ocorre de maneira incidental nas ruas, em casa, campinhos de bairros, sem a presença de um profissional para orientação, o que faz com que as primeiras experiências não se enquadrem como iniciação esportiva de caráter estruturado.

Nesse tema encontra-se motivações, atitudes, crenças e tendências (Bardin, 2009) e, preponderantemente, os estímulos surgiram dentro da família ou entre amigos. Os estímulos vindos de familiares e amigos são fatores que influenciam positivamente e podem ser estimulantes para o prosseguimento na modalidade.

Vilani e Samulski (2002) também consideram a família como o ambiente social primário das atletas, e colocam o encorajamento da família como um dos fatores para o bom desenvolvimento dos atletas, além da atribuição de valores e apoio psicológico.

Viu-se que os primeiros contatos das meninas com a modalidade se fazem em espaços informais, foi observado nas falas que

a procura pelo jogar por parte das meninas não se dá na mesma proporção que ocorre entre os meninos. Talvez essa diferenciação se dê por questões culturais, pois em nosso país se estabelece que o futsal e futebol é destinado ao gênero masculino.

Tal fator impacta em uma baixa procura por parte das meninas, ou até mesmo a falta de encorajamento de buscar o “jogar bola”, além de uma menor probabilidade de apresentação da modalidade por parte de seus pais.

Altmann e Baldy (2013) reforçam nossa fala quando questionaram jogadoras que disputaram o II Campeonato Sul-americano de Futsal sobre a maneira que iniciaram no futsal e concluíram que:

Sem nenhuma exceção, essas jogadoras começaram a jogar futebol com meninos, quando tinham entre 3 e 11 anos. Sua iniciação esportiva no futebol ocorreu na companhia de homens, tais como irmãos, amigos, primos, vizinhos e pais.

A rua é o espaço mais mencionado por elas como local onde jogavam bola, seguida da própria casa quando o jogo ocorria com familiares. Os irmãos foram a principal companhia dessas mulheres, com quem, junto com outros amigos, se apropriavam de espaços públicos para jogar futebol (Altmann e Baldy, 2013, p. 214).

O jogar na rua neste caso deve ser visto como o facilitador do contato de meninas com o futsal, já que praticamente não há escolas de iniciação voltadas para o público feminino. A rua se torna o primeiro meio de contato com o jogar, além de possibilitar às garotas a aquisição de habilidades motoras fundamentais que serão usadas futuramente não apenas para a prática da modalidade, e sim em toda sua vida. Se não fossem esses espaços informais, o número de meninas que adotariam o futsal/futebol como modalidades seria menor, já que a dificuldade para encontrar um ambiente para a prática seria ainda mais restrito, e se não há possibilidade de conhecer algo, não é possível criar um gosto.

Frente a isso, Altmann e Baldy (2013) ratificam que a iniciação esportiva das principais atletas de futsal de países sulamericanos se dá por meio de práticas na rua, no bairro, no quintal, na companhia de meninos e ocorre de maneira informal, não institucional e sem intervenção especializada.

Assim, a rua parece assumir uma função importante na transição do ambiente da casa, do familiar para o público, como se fosse uma espécie de "amenização" do choque da estreia no espaço público.

### **Iniciação formal**

No tema da iniciação formal, dá-se ênfase à idade na qual as meninas chegam para dar início à prática orientada (formal) do ensino e aprendizagem da modalidade. "Comecei a treinar com 15 anos no "Marcoski", para cá eu vim um ano depois. (E8, 2015). "Comecei a treinar com 11 anos, no outro colégio que o professor dava aula, aí para cá eu vim com 14" (E9, 2015). "Geralmente elas chegam em torno dos 13 anos de idade é um trabalho de iniciação que nós temos, e aproximadamente 90% delas acabam chegando a partir dos 13 anos" (Treinador G.L. 2015).

Diante das falas, vê-se que as entrevistadas entre sete e doze anos tomam contato e iniciam no jogar bola, enquanto que para o treinamento essa média de idade é mais tardia, estando entre onze e quinze anos.

Gallahue e Ozmun (2005) apresentam um conceito sobre o desenvolvimento motor nas diversas idades, sugerindo a existência do ensino das habilidades motoras na parte técnica para a faixa etária de 7-10 anos, de maneira totalmente aberta sem interferências na maneira de execução.

A sugestão para a faixa etária de 11-12 anos é que o ensino seja parcialmente aberto, com breves correções em relação aos movimentos. Ao chegar à faixa etária entre 13-14 anos, o ensino é parcialmente fechado, é nesse período que os autores sugerem o início de especificidades de ações motoras que englobam a modalidade, buscando-se atingir um padrão ideal de movimento e apenas após os 14 anos de idade deve acontecer o ensino específico da modalidade, com as ações táticas específicas.

Relacionando as respostas das atletas e do treinador, com a fala de autores como Gallahue e Ozmun (2005), podemos dizer que essas atletas não cumprem fielmente as etapas no processo de aprendizagem, pois, chegam para dar início ao trabalho por volta dos 12 anos de idade, apesar de que o contato com a modalidade de maneira informal seja realizado por volta dos nove anos.

Outro fator a ser ressaltado é que as meninas estão passando pela adolescência, e neste período há grandes mudanças hormonais, fisiológicas e físicas, dado que nem sempre elas estão preparadas para essas mudanças rápidas, o que pode vir a gerar nelas efeitos psicológicos, emocionais e comportamentais (Bacil e Mazzardo, 2015).

Além das razões fisiológicas, os achados na literatura fortalecem a ideia de que essas adolescentes podem ser prejudicadas futuramente em relação às habilidades motoras fundamentais que seriam trabalhadas nas fases iniciais.

Greco e Benda (1998) trazem a fase universal que segue a faixa etária dos 6 aos 12 anos, como a fase mais ampla e importante durante o processo de formação esportiva, ao qual buscam desenvolver e ampliar de maneira geral todas as capacidades motoras e coordenativas, para que assim criem uma base ampla e variada de movimentações. As atletas entrevistadas acabam não vivenciando de maneira adequada essa fase, pois, a maioria das adolescentes iniciam uma prática orientada a partir dos 12 anos, realizando suas primeiras experiências coordenativas de maneira não orientada, possibilitando assim possíveis déficits no desenvolvimento motor, coordenativo e cognitivo.

Como já explicitado, as atletas normalmente iniciam a prática orientada da modalidade em uma idade na qual se inicia o desenvolvimento dos aspectos técnicos e em um curto tempo estão começando a especialização na modalidade, agregando os conhecimentos táticos do jogo. As entrevistadas normalmente chegam na fase de orientação, a qual deveria partir da etapa alcançada na fase de desenvolvimento anterior, a fase universal, e assim procurar um desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades físicas e técnicas, tendo como um dos objetivos a iniciação a técnica.

Algumas dessas adolescentes também chegam na fase de direção que se inicia por volta dos 13-14 anos e estende-se por aproximadamente mais dois anos, fase está em que se deve começar o aperfeiçoamento e a especialização técnica em uma modalidade esportiva. Chegando nessa faixa etária essas meninas podem ter um atraso na aprendizagem da modalidade, pois podem encontrar dificuldades de desenvolvimentos das capacidades de jogo

por não terem tido vivências anteriores que facilitassem a compreensão das novas exigências, tanto no aspecto físico-coordenativo quanto cognitivo.

Conti (2012) ratifica o pensamento quando assegura que o desenvolvimento motor humano, por volta dos dez aos doze anos de idade, está entre a fase de aquisições básicas e a fase de transição. A fase de aquisições básicas se fundamenta na combinação de habilidades em padrões mais estruturados. A fase de transição refere-se à aquisição de estabilização e maior diversificação de habilidades necessárias para a aprendizagem de habilidades motoras, com maior complexidade e específicas como a dos esportes.

Nas entrevistas foi notório que as fases universal e de orientação, reveladas por Greco e Benda (1998), não são evidências reais que se configuram em tal grupo quando se referência às vivências em espaços formais.

No entanto, não podendo esquecer que essas adolescentes obtiveram vivências motoras com a modalidade em espaços informais, o que fez com que adquirissem habilidades motoras que poderão contribuir nas fases de direção e especialização.

### **Processo competitivo**

As atletas entrevistadas diante do tema processo competitivo, evidenciaram em suas falas e possibilitaram a identificação de uma tendência de que a maioria inicia as disputas competitivas em rendimento (competições). Vejamos trechos das entrevistas as quais as meninas se referem ao assunto. "Com 14 anos, campeonatos pelo IVE, estudantil, estadual e três brasileiros escolar, 1 brasileiro escolar de campo e estadual adulto" (E3, 2015). "Meu primeiro campeonato foi com 12 anos, a COPA SESC, disputei campeonatos, estudantis, regionais, estaduais, 1 brasileiro, campeonatos aqui da cidade, estadual de clubes, seleção e taça mato grosso" (E1, 2015).

Ramos (2014) aponta que a idade recomendada para o envolvimento do indivíduo em competições, que visem um alto rendimento, seja a partir dos doze anos, pois requer um nível de estresse físico e mental elevado.

Já Machado e Gomes (1999) apontam o estresse psicológico ocasionado em competições como um fator determinante na formação dos jovens atletas, pois tais competições seguem padrões que copiam as competições adultas, fazendo com que os indivíduos se submetam a um desgaste emocional que ocasiona desvios de comportamentos.

Além disso, a busca por resultados leva a família, amigos, técnicos, entre outros a pressionar desde cedo as crianças a buscarem sempre a vitória.

Visto que o futsal é uma modalidade de oposição, que tem como base o enfrentamento, o jogar sem competitividade se torna impossível.

Dessa forma, a fala das atletas junto ao que foi encontrado na literatura, aponta que o início da participação dessas adolescentes em competições formais estruturadas está dentro da faixa etária recomendada, fazendo com que seja evitado um desgaste emocional antes da maturidade necessária para encarar o processo competitivo, o que poderia prejudicá-las, futuramente.

### **CONCLUSÃO**

Concluimos que as meninas tiveram seus primeiros contatos com a modalidade de maneira informal, entre os sete e nove anos de idade, em ambientes como ruas, campinhos e quintais, já que em nosso país há poucas escolas de iniciação para as meninas, sendo esse um dos fatores que dificultam o desenvolvimento da modalidade, os estímulos das pesquisadas partiram por familiares e amigos.

Quando se faz referência à prática em treinamento formalizado, essa entrada se faz mais tardia para as meninas, por volta dos doze anos de idade, período em que as adolescentes passam por mudanças hormonais, fisiológicas e físicas, fator que pode vir a interferir em seu desenvolvimento na modalidade.

Outro fator relevante identificado é a iniciação tardia em práticas orientadas, o que pode vir a influenciar em seu desenvolvimento motor, coordenativo e cognitivo, capacidades essas necessárias para o desenvolvimento na modalidade.

Em se tratando da participação das adolescentes em competições, obtivemos

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

como resultado que tal prática tem seu início em um momento indicado na literatura.

Porém, o fato de começarem formalmente na modalidade tardiamente, pode influenciar no desempenho dessas meninas nas competições, já que o processo acelerado de aquisição de habilidades necessárias em cada fase da iniciação bem como a apropriação antecipada dos conhecimentos táticos do jogo, leva a uma especialização limitada.

Tendo em vista que o processo de aprendizagem do jogo considerando seus aspectos coordenativos, técnicos e táticos, ocorre de forma gradual e progressiva, respeitando os níveis de complexidade das tarefas para que se garanta um bom aprendizado, possibilitando torná-las, capazes de solucionar os problemas durante o jogo.

Pretende-se a partir deste estudo proporcionar uma maior compreensão do futsal feminino, sugerindo que novas pesquisas sejam realizadas, com um maior aprofundamento sobre o tema, e em outras localidades de nosso país.

### REFERÊNCIAS

- 1-Altman, H.; Baldy, H.H.R. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. *Rev. Movimento. Porto Alegre*. Vol. 19. Núm. 3. p. 211- 232. 2013.
- 2-Bacil, E.D.A.; Mazzardo, O.J. Atividade física e maturação biológica: uma revisão sistemática. *Revista Paulista de Pediatria*. Vol. 33. Núm. 1. p.114-121. 2015.
- 3-Bardin, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70. 2009.
- 4-Castellani, L. F. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. São Paulo. Papirus. 1991.
- 5-Confederação Brasileira de Futebol De Salão. *História do Futsal*. 2015. Disponível em: <[www.cbfs.com.br](http://www.cbfs.com.br)>. Acesso 01/02/2015.
- 6-Conti, G. T. C. Trabalho coordenativo: um Olhar para a iniciação esportiva. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Edição Especial: Pedagogia do Esporte*. São Paulo. Vol. 4. Núm. 14. p.232-238. 2012.
- 7-Creswell, J. W. *Research design: qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks. Sag. 1994.
- 8-Cunha, C. J.; Altmann, H.; Goellner, S. V.; Melo, V. A. Women and sports in Brazil. In Christensen, K. *International Encyclopedia of Women and Sport*. USA. Macmillian. 1999.
- 9-Estigarribia, R. C. Aspectos relevantes na iniciação ao futsal. 2005. Disponível em <<http://www.pucrs.br/disciplinas/fevid/voser/artigo.pdf>> Acesso em 26/01/15.
- 10-Fonseca, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza. UEC. 2002. Apostila.
- 11-Gallahue, D. L.; Ozmun, J. C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 3ª edição. São Paulo. Phorte. 2005.
- 12-Galatti, L. R. *Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos*. Campinas. 2006.
- 13-Goellner, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp. São Paulo*. Vol. 19. Núm. 2. p.143-51. 2005.
- 14-Goellner, S. V. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições*. Pensar a prática. Vol. 8. Núm. 1. p.65. 2006.
- 15-Goldemberg, M. *Nu e vestido: dês antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro. Record. 2002.
- 16-Greco, P.J.; Benda, R.N. *Da Aprendizagem Motora ao Treinamento Técnico: Conceitos e Perspectivas*. In Greco, P.J. (Org). *Iniciação Esportiva Universal: Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Belo Horizonte. UFMG. p.15-38. 1998.
- 17-Jensen, K.B.; Jankowski, N.M. *Metodologias cualitativas de investigación en comunicacion de masas*. Barcelona. Bosch. 324 p. 1993.
- 18-Lovisololo, H.; Soares, A. J.; Bartholo, T. L. *Feministas, mulheres e esportes: questões*

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

- metodológicas. Movimento. Porto Alegre. Vol. 12. Núm. 3. p.165-191. 2006.
- 19-Machado, J. A.; Gomes, A.C. Preparação desportiva no futsal: organização do treinamento na infância e adolescência. Revista Treinamento desportivo. Vol. 4. Núm. 1. p-55-66. 1999.
- 20-Mattar, F. Pesquisa de marketing. Atlas. 1996.
- 21-Moura, E. J. L. As relações entre lazer, futebol e gênero, 2003. Disponível em <<http://cutter.unicamp.br>> acesso em: 29/01/2015.
- 22-Ramos, B. A. Escolinhas de futsal: iniciação esportiva e treinamento precoce. Anais. Congresso Centro-Oeste de Ciências do esporte e X CONEF. Congresso de Educação Física. Jataí-GO. 2014.
- 23-Santana, W.C. Futsal ou futebol de salão? Uma breve resenha histórica - 2002. Seção Apontamentos. 2005. Disponível em <[www.pedagogiadofutsal.com.br](http://www.pedagogiadofutsal.com.br)> acesso em 2/03/2015.
- 24-Santana, W.C. Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade. In Simpósio de Educação Física e Desportos do Sul do Brasil, 14, 2002, Ponta Grossa, Anais, Universidade Estadual de ponta Grossa. 2002.
- 25-Souza, D.V.; Zioni, F. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. Saúde e Sociedade. 2003. p.76-85. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n2/08.pdf>>. Acesso em: 01/12/2015.
- 26-Stake, R. The art of case study research. Thousand Oaks. Sage Publications. 175 p. 1995.
- 27-Tavares, O.; Portela, F. Jogos femininos do Estado de São Paulo (1935): a primeira 'olimpíada' feminina do Brasil. In: Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. 6, 1998. Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho/EDUGF. 1998.
- 28-Toledo, L. H. No país do futebol. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora. 2000.
- 29-Yin, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3ª edição. Porto Alegre. Bookmam. 2005.
- 30-Vidal, I. R.A "iniciação esportiva" – a quem compete? Um estudo sobre a formação profissional no campo da Educação física. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências. 2006.
- 31-Vilani, L. H. P.; Samulski, D. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: Silami Garcia, E.; Lemos, K. L. M. Temas atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health. 2002.
- 32-Votre, S.; Mourão, L. Ignoring taboos: Maria Lenk, Latin American inspirationalist. In: The International Journal of the History of Sport. Vol. 18. Núm. 1. p. 196-218. 2001.

Endereço para correspondência:

Jaqueline Elizabeth da Costa  
Avenida da FEB, Número 172.  
Condomínio Chapada Dos Guimarães, APT H306.  
Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil.  
CEP: 78115126.

Recebido para publicação em 17/05/2018  
Aceito em 29/07/2018